



42

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2011

“Que diz a esfíngie que escolheu para suas armas?” A Faculdade de Letras de 1911 a 1937

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de História da Sociedade e da Cultura – FLUC
marodrigues@ci.uc.pt

Resumo:

O presente artigo tem em vista tecer algumas considerações acerca da Faculdade de Letras entre 1911 e 1937. Da antiga Faculdade de Teologia passaram para a de Letras, entre outros, António de Vasconcelos, que desenvolveu uma acção notável com especial atenção para a construção do novo edifício; e Mendes dos Remédios que, além de reitor eleito pela Universidade por duas vezes, sobressaiu como um dos maiores especialistas de História da Literatura. Depois outros lentes haviam de prestigiar a Faculdade de Letras nas suas diversas áreas.

A contratação de vários docentes de outras faculdades e de alguns estrangeiros mereceu aos responsáveis da instituição uma atenção particular. A professora alemã D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos destacou-se pelos seus reconhecidos dotes intelectuais e pela vasta e valiosa bibliografia que legou. Mais tarde, Meyer-Lübke e Joseph Piel, também alemães, impuseram-se pela promoção dos estudos filológicos. Nunca será demais sublinhar o contributo dado pelos professores de outras nacionalidades que tanto dignificaram o conhecimento de várias Línguas e Culturas.

Outros temas contemplados nesta colaboração referem-se às viagens de estudo ao estrangeiro; aos doutoramentos realizados que consagraram a obra científica de diversos professores nacionais e estrangeiros; e à colaboração com outras faculdades.

Palavras chave:

Organização; Professores; Doutoramentos; Institutos; Docentes estrangeiros.

Abstract:

The aim of the present article is to give some notes about the history of the Faculty of Letters since the year of its creation in 1911 until 1937 when the University of Coimbra celebrated the 400 years of the definitive installation in this city. The new faculty substituted the Faculty of Theology and from this one moved several professors to the Faculty of Letters like its first director, António de Vasconcelos, who developed a remarkable activity not only in the scientific field but also in other aspects, mainly in the construction of the building of the new institution.

An other important personality was Joaquim Mendes dos Remédios who was rector elected twice and a great specialist of history of the literature. Later he was minister of the Instruction. Other professors gave a great contribution to the progress of the Faculty of Letters in the first period of its history.

Some professors came from other faculties and from foreign countries. Carolina Michaëlis de Vasconcelos and Joseph Piel came from German and Meyer-Lübke from Switzerland. All were notable in the fields of the philology and literature. Famous were also some professors from Spain, Italy and other countries.

In this contribution are made references to other aspects of the life of the Faculty at that time like pedagogy, the publications, the creation of institutes, the research missions, the doctorates and the collaboration with other faculties.

Keywords:

Organization; Professors; Doctorates; Institutes; Foreign professors.

As Universidade de Lisboa e Porto foram criadas pelo Decreto de 22/3/1911¹, mas é na Constituição Universitária de 19/4 seguinte que se fala em pormenor daquelas duas instituições e da de Coimbra². Nela funcionariam as Faculdades de Letras, Direito, Medicina e Ciências, esta última como resultado da fusão das de Matemática e Filosofia, e ainda as Escolas de Farmácia e Normal Superior. As Faculdades de Letras tinham como finalidade, como se lê no decreto de 19/4/1911, «o aperfeiçoamento e expansão da alta cultura intelectual no domínio das ciências filosóficas, filológicas, históricas e geográficas e a preparação científica para o exercício das profissões que exigem o conhecimento daquelas ciências»³.

Outro Decreto importante para as Faculdades de Letras tem a data de 9/5/1911 que constitui a sua legislação orgânica⁴. O seu Regulamento é de 19/8⁵. Importante foi a criação do Instituto de Estudos Históricos na Faculdade

¹ Para a elaboração do presente estudo servimo-nos essencialmente das Actas da Faculdade de Letras (AFL), da Assembleia-Geral da Universidade de Coimbra (AAG), da Junta Administrativa (AJA), do Senado (AS), e de outras Faculdades: Direito (AFD) e Ciências (AFC); de diversas revistas como o Anuário da Universidade de Coimbra (AUC), Biblos, Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra (BAUC), Boletim da Faculdade de Direito (BFD), Revista Portuguesa de História (RPH), Revista da Universidade de Coimbra (RUC); das Orações de Sapientia dos professores das diversas Faculdades; do Anuário da Universidade (que infelizmente já se não publica); dos livros de sumários das aulas; e de alguma imprensa nacional e local. Utilizámos igualmente os livros *Memoria Professorum Vniversitatis Conimbrigensis*, vol. II, 1772-1937 (MPUC), *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores* (UCR), *A Universidade de Coimbra. Marcos da sua História* (UCMH). Várias das publicações referidas são da nossa autoria tendo sido elaboradas ao tempo que fomos director do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Trata-se do Decreto n.º 68, DG de 24/3/1911, que trata essencialmente das bolsas de estudo, e que é assinado por Teófilo Braga, António José de Almeida, Afonso Costa, José Relvas, Correia Barreto, Azevedo Gomes, Bernardino Machado e Brito Camacho.

² Decreto com força de lei de 19/4/1911, n.º 93, DG de 22/4/1911, que é assinado pelos subscritores já indicados. Mas logo em 17/3/1914 apareceu um projecto de proposta de modificações à Constituição Universitária; e a 30/4/1914 tratou-se do projecto de reforma da Constituição Universitária apresentado pelos reitores das três Universidades. Vid. ainda o Estatuto Universitário e demais legislação do Ensino Superior (Decreto com força de Lei n.º 4 554 de 6/7/1918, DG, I Série, n.º 152, de 9/7/1918); o Estatuto da Instrução Universitária (Decreto n.º 14 426 de 2/10/1926, DG, I Série, n.º 220, de 2/10/1926); o Estatuto da Instrução Universitária (Decretos n.º 12 426 e 12 492 de 2 e 14/10/1926, rectificados por terem saído com inexactidões, DG, I Série, n.º 243, de 30/10/1926); as modificações do Estatuto da Instrução Universitária (Decreto n.º 16 623 de 18/3/1929, DG, I Série, n.º 62, de 18/3/1929); e o Estatuto da Instrução Universitária (Decreto n.º 18 717 de 2/8/1930, DG, I Série, n.º 62, de 18/3/1929).

³ A Faculdade de Letras do Porto viria a ser criada em 1919, sendo depois extinta em 1928 e restaurada em 1961.

⁴ DG n.º 109, de 11/5/1911, que é assinado pelos subscritores atrás mencionados.

⁵ DG n.º 195, de 22/8/1911, que é assinado apenas por António José de Almeida, ministro do Interior. Havia seis grupos: Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica, História, Geografia e Filosofia, e cinco secções: Filologia Clássica, Filologia Românica,

de Letras da Universidade de Coimbra, destinado a iniciar os alunos na investigação, que compreendia as secções de Filologia, História e Filosofia⁶. Outra legislação foi entretanto saindo como o Estatuto Universitário de 1918 e a Lei Orgânica da Faculdade de 25/2/1930 (Decreto n.º 18003).

Fundamental para o funcionamento das duas Faculdades de Letras foi em Lisboa a passagem de professores do Curso Superior de Letras para a nova a instituição⁷ e em Coimbra de alguns da Faculdade de Teologia. No primeiro caso, temos os nomes de José Maria Rodrigues que tanto se distinguiu pelos seus estudos de Literatura para o 1.º grupo; para o 2.º grupo, Teófilo Braga, Francisco Adolfo Coelho e David Lopes de Melo (o primeiro, formado na Universidade de Coimbra em Direito em 1868, veio a ser preterido no concurso para professor da Faculdade o mesmo sucedendo na Escola Politécnica do Porto; na parte final do vol. IV da sua *História da Universidade de Coimbra* relata em pormenor o sucedido e tece severas críticas à Escola e à Faculdade de Direito, aliás apoiando-se em testemunhos vários⁸; Teófilo concorreu depois para o

Filologia Germânica, Ciências Históricas e Geográficas e Filosofia. São referidas as disciplinas próprias de cada grupo. O grupo de História incluía as cadeiras de História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, História Geral da Civilização, História de Portugal, História das Religiões e Ciências Auxiliares da História: Arqueologia, Epigrafia, Numismática, Paleografia e Diplomática. De salientar a existência em Lisboa das cadeiras de Sânscrito e de Árabe e em Coimbra a de Hebraico, que transitou da Faculdade de Teologia e remonta ao séc. XVI, sendo pois a mais antiga da Faculdade.

⁶ AFL, I, 7, 11, 13, 15, 16, 17, 111, 113, 173, 191, 245; II, 114, 237. A 9/1/1925, foram indicados como directores António de Vasconcelos para o Instituto de Estudos Históricos e Joaquim de Carvalho para o de Estudos Filosóficos. A 14/12/1933, Damião Peres, director do Instituto de Estudos Históricos, propôs que este passasse a chamar-se Instituto de Investigação nos termos dos arts. 15.º-19.º da Lei Orgânica da Faculdade tendo apresentado uma proposta que foi unanimemente aprovada na qual se diz que entre os trabalhos a realizar se impõe a publicação de algumas séries documentais inéditas, «absolutamente necessária para o estudo de determinados problemas da história nacional». Esse trabalho exigente requer que haja «um funcionário apto a desempenhar serviços relacionados com a técnica da investigação histórica e que esteja ao serviço daquele instituto». A 6/2/1936 (AFL, II, 334), Damião Peres propõe um regulamento do Instituto sobre: a) a reunião sistemática de elementos bibliográficos; b) a reunião sistemática de fontes; c) a informação sobre consultas de estudiosos; d) a abertura de cursos especializados. Seria dividido em secções; desde já eram criadas as de Estudos Medievais Portugueses, de História Ultramarina de Portugal e de Numismática.

⁷ Vid. Aires A. Nascimento, “Nostra Studia, sapientiae via”: a voz fundadora do rei D. Pedro V no 150.º aniversário da fundação do Curso Superior de Letras de Lisboa”, in *Evphrosyne*, nova série, vol. XXXVIII, MMX. 401-438.

⁸ A Universidade de Coimbra atravessou uma fase de decadência ao longo do séc. XIX e nos primeiros anos do séc. XX. Seguindo o modelo napoleónico e alheando-se do alemão trilhou um caminho errado. Esteve encerrada seis vezes e o número de alunos escasseava. Nunca chegou a ter 1500 alunos e houve anos em que não se atingiu o número de 500. Só as

Curso Superior de Letras em 1872 tendo obtido aprovação; também António José de Almeida na sua *Desafronta* fustiga a Universidade de Coimbra com ataques violentos; o segundo, Francisco Adolfo Coelho, alcançou enorme prestígio na Alemanha pelos seus estudos sobre Linguística e Literatura; o terceiro dedicou-se em especial ao estudo da Língua e da História Árabs); para o 4.º grupo entraram José Maria de Queirós Veloso, autor de notáveis trabalho de índole histórica e que manteve uma estreita ligação a Espanha; Manuel Maria de Oliveira Ramos que se consagrou imenso ao estudo da História, da Literatura, da Arte e da Música; e Agostinho José Fortes que sobressaiu como grande especialista em Cultura Grega; e ainda Francisco Xavier da Silva Teles e Joaquim António da Silva Cordeiro para o 5.º e 6.º grupo, respectivamente.

António de Vasconcelos e Mendes dos Remédios

Da Faculdade de Teologia transitaram para a Faculdade de Letras os lentes José Joaquim de Oliveira Guimarães (1.º grupo), António Garcia Ribeiro de Vasconcelos e Joaquim Mendes dos Remédios (2.º grupo), Francisco Martins e Porfírio António da Silva (4.º grupo) e Augusto Joaquim Alves dos Santos (6.º grupo). Ficaram como professores ordinários da extinta Faculdade de Teologia adidos à de Letras Luís Maria da Silva Ramos, Bernardo Augusto Madureira, Manuel de Jesus Lino, Joaquim Alves da Hora e Manuel de Azevedo Araújo e Gama.

Entre todos, sobressaíram dois autênticos pilares que deram seiva altamente fecunda à nova instituição: António de Vasconcelos e Mendes dos Remédios.

ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS (S. Paio de Gramaços, Oliveira do Hospital, 1/6/1883 – 1/8/1941) foi o primeiro director da Faculdade de Letras até 16/12/1920, data em que pediu a demissão por falta de saúde e de tempo. Foi ele a alma da primeira fase da Faculdade de Letras juntamente

Faculdades Jurídicas tinham mais de metade dos escolares (48 301); em Teologia havia 5 074, em Medicina 7 784, em Matemática 12 232 e em Filosofia 18 497. O total de alunos foi de 91 888 em todo o séc. XIX. Pelas orações *de sapientia*, de Bernardino Machado (1885), de Sobral Cid (1907), de Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais (1908) e de Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação (1909), entre outras, constatamos o sentir geral que havia de colocar a Universidade na senda da modernidade. É certo que houve excepções e aqui e além surgiram lampejos de progresso. Mas em geral era uma instituição quase moribunda que aguardava uma cura radical que só seria possível com o aparecimento de pessoas que conhecessem o que se passava no estrangeiro e tivessem o arrojo de enfrentar os inúmeros obstáculos que se colocavam aos governantes e aos membros da Escola.

com Mendes dos Remédios. Sucederam-lhe nesse cargo Eugénio de Castro, de 20/5/1921 a 16/12/1924; Mendes dos Remédios, de 16/12/1924 até 18/7/1930, com uma interrupção durante o tempo em que foi ministro da Instrução; Eugénio de Castro voltou à direcção da instituição de 18/7/1930 a 4/3/1939⁹.

As personalidades de António de Vasconcelos e de Mendes dos Remédios dominam, podemos dizer, toda a história da Faculdade nas primeiras décadas da sua história¹⁰.

Torna-se difícil sintetizar em poucas palavras a acção extraordinária que desenvolveu em prol da Faculdade e da Universidade. Foi também o primeiro director do Arquivo da Universidade de Coimbra¹¹. A 10/5/1930, a Faculdade

⁹ Até 1974 foram directores: João Providência Sousa e Costa, de 16/12/1939 a 21/12/1943; Amorim Girão, de 14/1/1944 a 16/5/1955; Providência e Costa de novo entre 20/5/1955 e 26/6/1963; Álvaro Júlio da Costa Pimpão, de 15/7/1963 a 17/3/1970; e Américo da Costa Ramalho, de 17/3/1970 a 8/7/1974.

¹⁰ António de Vasconcelos aparece a cada passo nas AFL, como, por exemplo, no vol. I, 21, 25, 33, 35, 39 45, 76, 80, 131, 156, 187, 194, 211; e no vol. II, 35, 37, 69, 73, 74, 78, 81, 210, 277, 278. A 1/6/1912, propôs que se oficiasse às duas casas do Parlamento no sentido de os documentos provenientes dos Arquivos Eclesiásticos do distrito de Coimbra serem recolhidos no Arquivo da Universidade, nomeadamente os do Cabido, Câmara Eclesiástica e Seminário, onde há «documentos preciosos tanto para a história da Igreja conimbricense como para a da sociedade portuguesa nos séculos XVI a XVII», o que foi aprovado. A 23/4/1917, informa-se que foi recebido um ofício da Inspecção das Bibliotecas Eruditas e Arquivos concedendo a autorização. A 9/6/1921, tratou-se da publicação do *Livro Verde* propondo Joaquim de Carvalho que ele inaugure as publicações da Faculdade pelo Instituto de Estudos Históricos, o mesmo devendo suceder com o livro *Uriel da Costa* de D.^a Carolina de Vasconcelos. António de Vasconcelos afirmou que o Arquivo deve ser um organismo complementar da Faculdade.

¹¹ A 3/12/1925, Cerejeira propôs que o Arquivo, absolutamente indispensável para as investigações históricas, seja um anexo da Faculdade e que o seu director seja um professor de História. A 5/11/1925, Cerejeira apresentou os critérios para a designação dos professores e assistentes encarregados de missões subsidiadas. A 3/12/1925, Gonçalves Cerejeira propõe que o director do Arquivo seja professor da Faculdade; a 28/6/1927, informa-se que já foi instalada a electricidade no Arquivo; a 26/2/1927, Vasconcelos disse que pediu a exoneração de director do Arquivo tendo sido escolhido Cerejeira para esse lugar. A 27/4/1927, o reitor nomeou-o director interino tendo passado depois a efectivo. A 9/11/1935, informou-se que fora extinto na Torre do Tombo o Curso de Bibliotecário-Arquivista e que ele seria restabelecido em novos moldes na Universidade de Coimbra (AFL, II, 318); a 21/11, Damião Peres fez um esboço de regulamento e Rui de Azevedo foi convidado para reger Paleografia por ser o mais autorizado senão o único diplomata do país; a 28/11, informa-se que Rui de Azevedo não aceita e pensa-se em Mário Brandão e Providência e Costa; a 5/12, aparece como director Damião Peres (AFL, II, 326-327); a 15-16/1/36, teve lugar a abertura do Curso; a 6/2/1936, era aprovado o projecto de regulamento do Curso de Bibliotecário-Arquivista. António de Vasconcelos jubilou-se em 1930; a 29/3/1933, teceram-se rasgados elogios a Vasconcelos e propôs-se que o seu retrato fosse colocado no Arquivo e Museu de Arte. Joaquim de Carvalho diz que também devia ficar o de João Pedro Ribeiro. Em 1936, o ministro da Educação Nacional, Carneiro Pacheco, veio a

prestou significativa homenagem a António de Vasconcelos¹² durante a última sessão a que assistiu, da qual aqui fornecemos alguns dados. Começou por dizer que tinha sido nomeado pelo Conselho da Faculdade para presidente da Comissão da Estação Arqueológica de Condeixa, mas logo afirmou que «a lei declarara-o dentro de 20 dias incapaz de todo o serviço». Teria todo o prazer em trabalhar em Condeixa onde já há anos fizera investigações com o subsídio de 29 000\$00 concedidos pela Rainha Dona Amélia, investigações que enriqueceram a secção de Arqueologia do Museu do Instituto de Coimbra. A lei, disse, não lhe permite continuar a colaborar oficialmente nos trabalhos da Faculdade. Agradece com um *vale* muito sentido. A 1 de Junho próximo faz 70 anos, e há precisamente 43 anos, tomou posse do cargo de professor de Teologia. Confessou que ao longo «desse tempo, trabalhou sempre de muito boa vontade, na Faculdade de Teologia, primeiro, e na Faculdade de Letras, depois. Como professor e director desta última fez quanto pôde para bem a servir. Se o seu trabalho não foi mais frutuoso, foi isso resultado de deficiência própria. Sai de consciência tranquila. E sai cheio de saudades, levando no coração todos os seus colegas, a todos considerando seus amigos. Mendes dos Remédios em nome dos seus colegas enalteceu as qualidades de António de Vasconcelos, «nosso Mestre e nosso guia espiritual». Não quis descer ao pormenor de tudo quanto ele fizera pela Faculdade, pela Universidade e pelo País, que muito lhe ficam a dever. Louvou o professor exímio e o erudito, o professor nato de todos

Coimbra para, em cerimónia solene, lhe impor as insígnias da grã-cruz da Ordem de Santiago. Em 1937, foi eleito presidente da Academia Portuguesa da História. Nesse mesmo ano foi inaugurada na Faculdade de Letras uma lápide com o seu nome no Instituto de Estudos Históricos e aí colocado o seu retrato quando fez 80 anos. Lamentavelmente tal lápide acabou por ser retirada. Outras homenagens foram depois prestadas ao ilustre homem das Letras. No vol. I da *Revista Portuguesa de História* inseriu Damião Peres um artigo de homenagem à memória de António de Vasconcelos, acompanhado da sua bibliografia, a qual incluímos no início do vol. I dos seus *Escritos Vários* (reedição, 1987); no vol. II daquela revista também Torquato de Sousa Soares evoca a sua memória; a 24/11/1946, realizou-se em S. Paio de Gramaços um significativo acto de homenagem com descerramento de uma lápide-monumento (in *Biblos*, XXII, 675-680, onde se inclui uma fotogravura oferecida pelo grande fotógrafo e homem da cultura Marques Abreu com quem Vasconcelos tanto trabalhou. Vid. ainda Domingos Maurício Gomes dos Santos, *À memória do Dr. António de Vasconcelos: Primeiro Presidente da Academia Portuguesa da História* (proferiram orações os académicos supranumerários Domingos Maurício Gomes dos Santos e Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão), Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1948. – Em alguns trabalhos evocámos igualmente a personalidade de tão prestigiada figura da cultura portuguesa e achámos de toda a justiça colocar no Arquivo o retrato do prestigiado homem que tanto ilustrou a sua Universidade.

¹² AFL, II, 137-139. Presidiu o director Mendes dos Remédios e compareceram Eugénio de Castro, Simões Ventura, Ferrand de Almeida, Amorim Girão e Providência e Costa.

os alunos, o grande Mestre de quantos quiseram aprender e que o País se orgulha de possuir; salientou as suas qualidades de inteligência e de bondade e disse ainda: «Em todos os campos em que a sua múltipla actividade se fez sentir, o seu nome ficou para sempre marcado como um dos nossos maiores Mestres». Referiu-se em especial à construção do edifício da Faculdade de Letras que é obra sua. E terminou com sentimentos de profundo agradecimento formulando votos para que prossiga a sua actividade científica «que sempre se multiplica em fontes de bênção quando intervém, ou com a pena, escrevendo, ou com a sua autorizada palavra, aconselhando».

Ferrand de Almeida, falando em nome dos estudantes do seu tempo, associou-se às palavras de Eugénio de Castro, testemunhando viva gratidão ao bondoso Mestre por tudo quanto receberam dele. Afirmou: «Espera que ainda por muitos anos ele nos há-de dar as luzes dos seus conselhos e do seu saber. Todos os antigos alunos levarão dentro da sua alma o grande Mestre e aí ele viverá ainda mais do que naquela sala, do que nas aulas onde a sua voz autorizada e sapientíssima se fez ouvir».

António de Vasconcelos nas suas palavras de agradecimento aludiu aos primórdios da Faculdade que para se radicar em Coimbra precisava de possuir um edifício à altura das suas funções. Quando começou as obras tinha em cofre uns modestos 250\$00. Modestamente disse que pouco fez, que foi Mendes dos Remédios quem herculeamente levantou a mole imensa do edifício e é a ele que se deve que a Faculdade esteja verdadeiramente instalada no Palácio das Letras. E afirmou que continuava a pôr o seu modesto valimento à disposição de todos os seus antigos colegas. Renovou os agradecimentos e a todos abraçou, retirando-se depois da sala, sendo acompanhado até à porta por todos.

A 29/3/1933, Eugénio de Castro fala em termos muito elogiosos da homenagem prestada ao preclaro filho de S. Paio de Gramaços¹³; e a 12/12/1934, a Faculdade, após uma importante intervenção de Amorim Girão, pede para adquirir a biblioteca de Vasconcelos por 15 000\$00¹⁴, tendo a 25/1/1935 sido aprovada a sua compra¹⁵.

JOAQUIM MENDES DOS REMÉDIOS (Nisa, 22/9/1867 – 30/9/1932) foi director da Biblioteca Geral (1910-1913) e da sua Faculdade, reitor eleito da Universidade por duas vezes (1911-1913 e 1918-1919), vice-reitor

¹³ AFL, II, 208-211.

¹⁴ AFL, II, 283.

¹⁵ AFL, II, 492.

da Universidade e ministro da Instrução de 3/6 a 17/6/1926¹⁶. Entre tantas realizações suas recordamos a criação dos Cursos de Férias e da Sala de Numismática¹⁷ e da *Revista da Universidade de Coimbra*, da *Biblos* e do *Boletim do Instituto Alemão*¹⁸. Mendes dos Remédios viria a sofrer as agruras da grande turbulência que se veio a abater sobre a Universidade de Coimbra, mormente sobre a Faculdade de Letras. O Governo através do ministro da Instrução, Domingos Leite Pereira, nomeou em 18/3/1919 Joaquim José Coelho de Carvalho reitor interino da Universidade de Coimbra, pois Mendes dos Remédios, havia autosuspendido o mandato reitoral na sequência do processo movido a quatro professores da Faculdade de Direito. Mais tarde, o ministro Leonardo Coimbra demitiu Mendes dos Remédios por este se ter colocado ao lado da Faculdade de Letras aquando da sua extinção. Coelho de Carvalho passou então a reitor efectivo em 19/5, mas as circunstâncias obrigaram-no a pedir a demissão a 26/6/1919. Um triste reitorado que deixou marcas profundas na vida da Escola coimbrã e também das de Lisboa e Porto. O ano de 1919 foi um ano tremendamente difícil para a Universidade. Além da sindicância à Universidade pela Portaria de 21/3/1919, pretendeu-se fazer alterações na secção de Filosofia pelo Decreto n.º 5 491, decidiu-se a extinção da Faculdade de Letras pelo Decreto n.º 5 770 de 10/5/1919 (depois revogado pela Lei n.º 861 de 27/8/1919 que deu origem à célebre questão universitária por ter quebrado a autonomia das Universidades), transferindo-a para a Universidade do Porto e criando em Coimbra uma Faculdade Técnica e uma Escola de Belas Artes.

¹⁶ Durante a sua passagem pela pasta da Instrução revogou a Lei n.º 861 de 27/8/1919 que havia retirado às Escolas o direito de eleger os seus reitores. E foi assim que dois reitores, Almeida Ribeiro e Fezas Vital, foram escolhidos pela Universidade. Mas a partir de 1931 mais nenhum seria eleito até à Lei de Autonomia de 1988 que restituiu às Universidades o direito de eleger o seu prelado. Se os dois primeiros reitores da Universidade de Coimbra, Manuel de Arriaga e Daniel de Matos, ainda não puderam beneficiar da eleição pelos seus pares, já o terceiro, Mendes dos Remédios (Letras), seria eleito a 16/10/1911. Também os seguintes foram escolhidos por escrutínio da Assembleia Universitária: Alves Moreira (Direito), Norton de Matos (não era professor) e Mendes dos Remédios (2.ª vez). Mas depois dos acontecimentos de 1919 que trouxeram à cadeira reitoral Coelho de Carvalho, mais nenhum viria a ser escolhido pela Escola até 1926. Foram eles Filomeno Cabral (Medicina) e Luís Gomes, Cunha Leal e Jardim de Vilhena (não professores).

¹⁷ A 22/5/1925 e 14/7/1925 fala-se dos Cursos de Férias que estavam a ser bastante divulgados no estrangeiro. O programa foi aprovado.

¹⁸ Vid. João da Providência Costa, *Doutor Joaquim Mendes dos Remédios*, Coimbra, 1934. Em 2007 a Câmara Municipal de Nisa prestou homenagem àquele filho ilustre da terra.

Da Faculdade de Teologia, como já disse, vieram ainda outros professores: o notável pedagogo e psicólogo Augusto Joaquim Alves dos Santos¹⁹, Bernardo Augusto Madureira e Francisco Martins, Joaquim Alves da Hora, José Joaquim de Oliveira Guimarães, Luís Maria da Silva Ramos, Manuel de Azevedo Araújo e Gama, Manuel de Jesus Lino e Porfírio António da Silva.

Contratação de Professores

A primeira sessão da Faculdade de Letras realizou-se a 29/7/1911, pelas 8 horas da tarde, sob a presidência do reitor Daniel de Matos, estando presentes António de Vasconcelos, Francisco Martins, Mendes dos Remédios e Oliveira Guimarães, «para deliberarem acerca da constituição da Faculdade de Letras, para que foram nomeados professores, por decreto de 17/6 do corrente»²⁰. Foram nomeados como director António de Vasconcelos, como bibliotecário Mendes dos Remédios e como secretário Oliveira Guimarães. Vasconcelos propôs que se apresentassem cumprimentos ao ministro do Interior, António José de Almeida «pelos relevantes serviços prestados à Universidade de Coimbra», pedindo que a sua proposta ficasse exarada em acta. O mesmo devia fazer-se relativamente ao director-geral da Instrução Pública, Ângelo da Fonseca, e ao reitor da Universidade pela criação da Faculdade de Letras²¹.

Dada a insuficiência de docentes, na sessão de 29/7/1911 foram propostos para a regência de diversas disciplinas os nomes de António José Gonçalves Guimarães da Faculdade de Ciências (1.º grupo), Eugénio de Castro e Almeida, diplomado com o curso Superior de Letras e professor da Escola Industrial de Avelar Brotero (2.º grupo), Carlos de Mesquita, bacharel formado em Direito e professor efectivo do Liceu Central de Viseu (3.º grupo), João Serras e Silva da Faculdade de Medicina (4.º grupo), Anselmo Ferraz de Carvalho da Faculdade de Ciências (5.º grupo) e António Augusto Gonçalves, professor da Escola Industrial de Avelar Brotero (6.º grupo).

António Augusto Gonçalves leccionou Desenho nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Criou a Escola Livre das Artes do Desenho de Coimbra e distinguiu-se como reputado arqueólogo, artista, crítico e historiador da arte e vigoroso polemista, leccionou ainda em várias instituições de Coimbra. Obteve

¹⁹ Editou, entre outros, *Concordismo e idealismo*, 1900; *O problema da origem da família e do matrimónio em face da Bíblia e da Sociologia*, 1901; *A nova escola primária – O que tem sido e o que deve ser*, 1910; *O ensino primário em Portugal nas suas relações com a história geral da Nação*, 1913; *Educação Nova*, 1919; *Psicologia Experimental e Pedagogia*, 1923.

²⁰ AFL, I, pp. 1-2.

²¹ AFL, I, 88-92.

o apoio da Rainha D.^a Amélia e do bispo-conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina, para o seu plano de restauro da Sé-Velha. Reorganizou a partir de 1894 o Museu de Antiguidade do Instituto de Coimbra, que em 1911 deu lugar ao Museu Machado de Castro²².

António José Gonçalves Guimarães era doutor em Filosofia tendo transitado depois para a Faculdade de Ciências; Anselmo Ferraz de Carvalho doutorou-se em Filosofia e passou igualmente para a Faculdade de Ciências; Carlos de Mesquita era bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra²³; Eugénio de Castro e Almeida que vinha da Escola Industrial e Comercial Brotero viria a destacar-se como grande estudioso de Literatura²⁴; João Serras e Silva que se doutorou em Medicina a 18/7/1897, além de professor, desempenhou importante actividade ao serviço da Igreja, e em especial no CADC.

Uma referência especial é devida à entrada de D.^a CAROLINA DE MICHAËLIS VASCONCELOS para o corpo docente da Faculdade de Letras. D.^a Carolina de Michaëlis Vasconcelos (Berlim, 15/3/1851 – Porto, 16/11/1925) estabeleceu-se em Portugal em 1876. Admitida como professora ordinária da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1911, não chegou a exercer, transferindo-se para a de Coimbra em 9/12/1911. Evidenciou-se como notável filóloga e erudita tendo deixado uma obra muito valiosa.

A 13/11/1911, foi comunicado o seu pedido de transferência de Lisboa para Coimbra, informação que provocou grande regozijo. Lê-se na acta: «O Conselho unanimemente manifestou grande satisfação ao tomar conhecimento deste pedido, porque a incorporação daquela distintíssima Senhora, bem conhecida e admirada em todo o mundo sábio pelos seus numerosíssimos trabalhos

²² Vid. A. G. da Rocha Madahil, *Desenhos de mestre António Augusto Gonçalves para um projectado roteiro do Porto*, Porto, 1947; ID., *Tentativa de bibliografia de Mestre António Augusto Gonçalves, insigne escritor e artista conimbrigense*, 1947; Belisário Pimenta, “António Augusto Gonçalves: polemista”, in *Arquivo Coimbrão*, 1968. Sep. de *Arquivo Coimbrão*, vol. 24, 1968; Carlos Manuel Santos Serra, *António Augusto Gonçalves: o percurso museológico*, 2002. Deodoro dos Reis Fernandes, *A Escola Livre das Artes do Desenho em Coimbra: 1878-1936*, 2009, 2 vols. Dissertação de mestrado em Letras, área de História da Arte (História da Arte), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

²³ Vid. Eugénio de Castro, “Dr. Carlos de Mesquita”, in *O Instituto*, LXIV (1917), 11.

²⁴ Fez o Curso Superior de Letras de Lisboa em 1885-1888 e foi professor da Escola Industrial e Comercial Brotero. Com Silva Gaio fundou a revista *Arte*. Na Faculdade de Letras regeu várias disciplinas e exerceu diversos cargos. Notabilizou-se como escritor e colaborador de revistas e jornais. Na poesia em que se destacou como representante do simbolismo sobressaem os livros *Oaristos*, 1890, e *Interlúdio*, 1894. Entre os trabalhos de erudição, evidenciam-se *O P.e Francisco Suárez em Coimbra. Notas sobre alguns dos seus contemporâneos e amigos*, 1917. A sua valiosa obra foi reconhecida aquém e além fronteiras. A Faculdade prestou-lhe significativa homenagem a 10/6/1946 de que fez eco a revista *Biblos*, vol. XXII.

científicos e literários do mais alto valor, dá grande honra e lustre à nossa Universidade, e em especial à Faculdade de Letras, na qual prestará relevantes serviços, particularmente no ramo da Filologia Românica, ramo em que os trabalhos de Sua Excelência se assinalam e notabilizam de forma superior e inconfundível. Esta pretensão da ilustre Doutora, distinta entre os mais distintos filólogos romanistas contemporâneos, é pois acolhida com a maior satisfação pelo Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra»²⁵.

D.^a Carolina foi recebida solenemente na Sala Grande dos Actos a 19/1/1912, «em sessão presidida pelo Ex.mo Reitor, que pronunciou um primoroso discurso de elogio e saudação à ilustre professora» a que se associaram o director da Faculdade de Letras e dois estudantes²⁶.

Outras informações registadas nas actas dão-nos a conhecer que D.^a Carolina foi encarregada a 1/7/1912 de proferir a oração *de sapientia* na abertura do ano lectivo de 1912-1913, o que não se verificou porque o seu estado de saúde não o permitiu, sendo substituída por António de Vasconcelos. Também sabemos que uma associação de carácter científico se referiu num ofício pouco cortês à ilustre Senhora, tendo os seus pares, a 13/3/1915, manifestado os sentimentos «da mais estreita solidariedade». A 30/10/1916, a Faculdade agradeceu-lhe ter regido gratuitamente a cadeira de Filologia Germânica.

A 3/3/1920, foi aprovada uma proposta a enviar ao ministro da Instrução pedindo que D.^a Carolina de Vasconcelos ficasse dispensada do serviço docente para se dedicar inteiramente ao trabalho e conclusão da tarefa que há mais de 50 anos se vinha propondo em prol da cultura. Entre outros, são referidos os trabalhos seguintes: o *Cancioneiro da Ajuda*, as *Notas Vicentinas*, os estudos sobre *Cancioneiros*, os livros sobre o *Crisfal* de Bernardim Ribeiro, o *Palmeirim* de Francisco Morais, os *Sonetos* de Camões, as *Lições de Filologia Portuguesa*, a *História da Literatura Alemã*, e ainda os trabalhos sobre *Uriel da Costa*, *Damião de Góis*, etc.

O Conselho atendeu ao pedido formulado e por aclamação decidiu: «Perder todo este enorme pecúlio de saber e de investigação, acumulado durante uma vida operosíssima, tesouro que mal se adivinha através da seca enumeração

²⁵ AFL, I, 5. Numa recente conferência Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, integrada no programa comemorativo dos 100 anos da Faculdade de Letras, o orador desenvolveu brilhantemente a tradição da Filologia na instituição.

²⁶ Na RUC, I, 191, vem inserta uma *Miscelânea sobre D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos* da autoria de Mendes dos Remédios que inclui o requerimento pedindo a sua transferência para Coimbra, a consulta da Faculdade de Letras, a proposta do reitor e o discurso que este proferiu no acto de posse e o de D.^a Carolina, e notas bio-bibliográficas. No mesmo número da RUC, 205-293, é publicado um extenso artigo de D.^a Carolina sobre “Notas Vicentinas”.

dos títulos que deixamos aportados, afigura-se-nos um atentado de lesa-Pátria. Duma saúde periclitante, e que exige os mais desvelados cuidados, não é pequeno sacrifício pedir à ilustre Senhora, que nos chamou à luta das ideias na civilização internacional em mais de meio século, mercê do seu esforço inteligente e perspicaz. Julgar que é possível essa patriótica tarefa, acumulada com as canseiras das aulas, é supor o impossível. A Senhora D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos não pode, não deve pensar agora noutra coisa, que não seja em legar à posteridade a herança inestimável do seu saber, herança que servirá para engrandecer o nome de Portugal no domínio imperecível das ideias, firmando melhor, e em bases cada vez mais sólidas, o estudo dessa enorme e complexa multidão de problemas, da Língua, da Literatura e da História, a que ela tem consagrado a sua vida inteira. Deixemo-la pois no silêncio do seu gabinete, entregue ao trabalho do aperfeiçoamento e conclusão do monumento *aere perennius*, que as suas próprias mãos frágeis vêm erguendo há mais de cinquenta anos, em honra e glória da Pátria Portuguesa». A 13/12, era lido o despacho ministerial em resposta à representação aprovada e que concedia a dispensa de seis meses, «prorrogando esse prazo por mais seis meses com atestado médico». D.^a Carolina de Vasconcelos aparece ainda nas actas de 23/7/1924 e de 9/1/1925. Fala-se do seu débil estado de saúde que impede que continue a leccionar. A Faculdade decidiu prestar-lhe uma homenagem, tendo sido constituída uma comissão constituída por António de Vasconcelos, Joaquim de Carvalho e Carlos Ventura. A homenagem consistiria na publicação de um livro com a colaboração de todos os admiradores «da egrégia Professora». D.^a Carolina viria a falecer no Porto a 16/11/1925. A 12/5/1926, leu-se um ofício de Bento de Sousa Carqueja a anunciar uma homenagem a realizar no Porto e pedindo à Faculdade que seja representada pelo maior número possível de professores com as insígnias doutorais. A comissão ficou constituída por António de Vasconcelos, Oliveira Guimarães, Providência e Costa e Eugénio de Castro.

A 3/12/1925, foi aprovado um voto de pesar pela morte de D.^a Carolina. A 11/6/1926, é prestada informação sobre a homenagem levada a cabo na Cidade Invicta onde a conferência magistral de Mendes dos Remédios foi apreciadíssima²⁷. A 20/11/1926, Joaquim de Carvalho falou do andamento do volume de homenagem a D.^a Carolina. A 27/7/1933, aquele professor apresentou em Conselho um exemplar da *Miscelânea de Estudos em honra de D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, a qual constitui o vol. XI da *RUC*. Lembrou que

²⁷ O trabalho intitulado *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Conferência lida pelo autor na sessão solene realizada no Salão Nobre da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 15 de Maio de 1926* foi publicado neste mesmo ano.

houvera o projecto de prestar uma homenagem na Sala dos Capelos à ilustre professora que entretanto veio a falecer. Propunha, pois, que um delegado da Faculdade fosse ao Porto fazer a entrega à família de um exemplar, bem como de um ofício do director da Faculdade²⁸. Deu ainda conhecimento de cinco exemplares de tiragem especial. O director disse que oferecia à biblioteca da Faculdade o que lhe fora reservado²⁹.

Na sessão de 25/1/1935, tratou-se da aquisição das bibliotecas de António de Vasconcelos, Martinho da Fonseca e D.^a Carolina de Vasconcelos. Ferrand de Almeida foi incumbido de encetar diligências nesse sentido³⁰. A última referência à insigne germanista aparece na acta de 15/11/1935: Providência Costa lembrou que no dia seguinte passava um ano sobre a data da sua morte³¹.

O Edifício da Faculdade

Uma das tarefas mais árduas levadas a cabo pela Faculdade de Letras foi a construção de um edifício para o seu funcionamento. Logo na sessão do Conselho de 7/11/1911 foi aprovado o pedido de apropriação do edifício do Teatro Académico para a Faculdade de Letras e para a Escola Normal Superior, «sem prejuízo das prometidas acomodações para a Associação dos Estudantes da Universidade»³². Na acta da sessão de 12/12/1914 a que presidiu o reitor

²⁸ O volume de homenagem intitula-se *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michêlis de Vasconcelos Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* que foi publicada em 1933 no vol. XI de RUC, tendo nela colaborado vários intelectuais filólogos ilustres como A. Meillet, Bonilla y San Martin, Afrânio Peixoto, Agostinho de Campos, Aubrey Bell, Simões Ventura, David Lopes, Edgard Prestage, Teixeira Bastos, Joaquim de Carvalho, J. J. Nunes, Leite de Vasconcelos, Marcel Bataillon, Mendes dos Remédios, Oliveira Guimarães, Paulo Merêa, Menéndez Pidal, Robert Ricard e Meyer-Lübke. Nas pp. VII-23 vem a bibliografia da prestigiada filóloga.

²⁹ AFL, II, 220-221.

³⁰ AFL, II, 293.

³¹ AFL, II, 321.

³² A 2/3/1912, foi dado a conhecer a cedência do Colégio de S. Pedro à Faculdade de Letras e foi lida a resposta negativa do Instituto de Coimbra ao pedido da Faculdade de Letras e de um rascunho de ofício de resposta ao mesmo Instituto; a 16/3/1912, foi dado conhecimento de um ofício do Ministério do Interior sobre o edifício em construção no local do antigo Colégio de S. Paulo, destinado à instalação da Faculdade de Letras, da Escola Normal Superior e da Associação Académica; a 1/6/1912, discutiu-se a futura utilização do edifício em construção no local do Colégio de S. Paulo; a 6/7/1912, o reitor comunicou a cedência do edifício do Teatro Académico para uso da Faculdade de Letras; a 31/7/1912, foi anunciada a publicação no Diário do Governo da cedência do edifício do Teatro Académico à Faculdade; a 26/4/1913, foi lido um ofício da Reitoria a comunicar a verba que coube à Faculdade para as obras do novo edifício, cujo plano primitivo está já na posse do arquitecto Augusto Carvalho da Silva Pinto. Foi atribuída a verba

Guilherme Alves Moreira, encontramos a notícia da inauguração da nova Faculdade de Letras. António de Vasconcelos disse que se congratulava «por ver parte do novo edifício da Faculdade em estado de ser utilizado para o ensino» afirmando: «ESTA SESSÃO DO CONSELHO É O ACTO INAUGURAL DO EDIFÍCIO». Vasconcelos agradeceu a várias personalidades: ao reitor Guilherme Alves Moreira, a Aurélio da Costa Ferreira, ministro do Fomento, ao antigo reitor Mendes dos Remédios, a Paulo de Barros, director das Obras Públicas do distrito e ao arquitecto Silva Pinto. António de Vasconcelos apresentou depois as contas das despesas feitas até 30/11/1914, relativas aos anos de 1912-1913 a 1914-1915 nalgumas salas do Paço Real e na restauração da biblioteca do extinto Colégio de S. Pedro. O montante total era de 17 440\$880,05. Na sua visita à Faculdade de Letras, em 9/9/1916, António José de Almeida como presidente do Ministério pôde apreciar os progressos alcançados com a sua construção e apetrechamento. A 20/7/1916, o director da Faculdade fez notar que o arquitecto Silva Pinto auferia presentemente maior vencimento em regime de avença do que antes de ser suprimido o lugar que ocupava de arquitecto da Universidade. Havia pois necessidade de a Universidade ter um arquitecto próprio. A 8/2/1917, foi proposta a transferência da biblioteca de S. Pedro para o edifício da Faculdade

de 5 718\$855, mais 886\$050 de metade da das inscrições nas cadeiras. As duas verbas deviam juntar-se «aplicando-se tudo à continuação das obras do edifício que lhe foi concedido, pois não só não temos onde funcionem as aulas e se instalem as repartições e institutos da Faculdade, mas também no estado em que o edifício actualmente se encontra as chuvas o vão danificando cada vez mais irreparavelmente». António de Vasconcelos apresentou por isso um orçamento suplementar ao ordinário privativo. Acrescentou «que até à conclusão do edifício a Faculdade deve viver com a maior parcimónia para aplicar àquele fim a maior verba possível, pois a conclusão do edifício destinado à instalação da Faculdade é sem dúvida alguma a mais urgente das necessidades dela». Informou que o arquitecto Silva Pinto já está de posse do plano primitivo do edifício sobre o qual está procedendo às modificações determinadas pela mudança de aplicação da casa. A 31/7/1913 o Conselho da Faculdade aprovou as plantas e o alçado do novo espaço como se lê no Livro de Actas. Na acta do Senado da reunião de 16/12/1913, Vasconcelos apresentou ao Senado a planta do edifício. O reitor Alves Moreira anunciou que a Junta Administrativa «significara o desejo de que o Senado pedisse ao Governo o subsídio necessário para se poderem ultimar as obras em construção – todas elas indispensáveis ao andamento do ensino universitário». As obras deviam ser custeadas pelo Governo ou por ele auxiliadas, afirmou Daniel de Matos. No meio de ingentes dificuldades, como diz António de Vasconcelos, a Faculdade ia tomando forma, apesar de os subsídios estarem a chegar por vezes com demoras, o que atrasava o andamento da obra. É o que nos informa a acta de 6/12/1913. A 3/1/1914, foi apresentado o projecto definitivo do edifício destinado à Faculdade de Letras e o respectivo orçamento; a 7/2/1914, deu-se conhecimento de um reforço para o mobiliário da Faculdade de Letras; a 12/1914, já começou a ser utilizada a parte oriental do edifício para o serviço das aulas.

de Letras, após consulta ao arquitecto Silva Pinto e ao professor de Desenho António Augusto Gonçalves. A 22/12/1917, falou-se da vistoria no sistema de aquecimento do edifício da Faculdade. Importante foi a visita ao novo edifício de Sidónio Pais que teve lugar a 17/1/1918 (vid. acta de 6/2/1918) em que foi acompanhado pelos ministros da Instrução, José Alfredo Mendes de Magalhães, e do Comércio, Francisco Xavier Esteves³³. A 27/4/1918, fala-se da obtenção de um subsídio de 10 000\$00 para as obras da Faculdade e a 31/7/1918 de idêntico apoio. A 5/4/1919, foi apresentada a conta das despesas feitas com as obras; a 20/1/1921, a concessão de um subsídio de 10 000\$00; a 1/5/1924, fala-se da conclusão da fachada principal da Faculdade; a 6/5/1924, foi lida uma circular da Administração Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais segundo a qual esta passa a assumir a direcção da conclusão da fachada do edifício da Faculdade. A 5/2/1925, foi pedido que a gerência das obras passasse para a Faculdade; a 11/2/1925, foi constituída uma comissão, presidida pelo director da Faculdade, Mendes dos Remédios, para administrar a quantia de 100 000\$00, destinada à continuação das obras do edifício da Faculdade; a 9/7/1929, o director informou que o ministro das Finanças, Oliveira Salazar, mandara inscrever no orçamento da Faculdade 500 contos para custear as obras em curso, tendo sido aprovado que se registasse um voto de agradecimento e se lhe desse conhecimento do facto. Os subsídios para o edifício da Faculdade prosseguiram ainda durante vários anos. O lema escolhido para a nova faculdade que encimava o edifício era este: «Sapientia auro pretiosior» com a esfíngie a embelezar o conjunto. Se aqui registamos estas informações é tão só para encarecer o esforço e tenacidade dos incansáveis obreiros da Faculdade, com particular relevo para António de Vasconcelos.

No discurso de despedida da Faculdade a 10 de Maio de 1930, como já ficou dito atrás quando perfazia a jubilação, afirmou Vasconcelos que quando começou as obras tinha em cofre uns modestos 250\$00 escudos³⁴.

³³ AFL, I, 152-153. Após a morte de Sidónio Pais, a Faculdade deliberou na sessão de 23/12/1918: dar o nome de Sidónio ao Museu de Arte Antiga e Medieval que seria instalado na Faculdade de Letras; no quadro de mármore a colocar no átrio do edifício onde seriam inscritos os nomes dos seus beneméritos, em 1.º lugar estaria o de Sidónio; seriam criados dois prémios com o seu nome, de 800\$00 e 600\$00, para os melhores alunos e duas bolsas de estudo. De notar que, aquando da visita de Sidónio Pais teve lugar um cortejo solene desde a Estação Velha, tendo os lentes usado as suas insígnias doutorais.

³⁴ AFL, II, 137-139.

O discurso do Reitor Joaquim Mendes dos Remédios e a Oração de Sapiëntia de António de Vasconcelos na abertura do ano lectivo de 1912-1913

Na sua intervenção (“crónica”) perante o ministro da Marinha, Francisco José Fernandes Costa, o reitor Mendes dos Remédios apresentou a crónica do ano académico de 1911-1912 com o título “A Universidade de Coimbra perante a Nova Reforma”. Nela enalteceu o trabalho realizado pelas diversas Faculdades. Aludiu ao ingresso para o corpo professoral de D.^a Carolina de Vasconcelos a 19/1/1912 e de Carlos de Mesquita. Falou da Biblioteca de S. Pedro e da sua incorporação na Biblioteca Central pelo Decreto de 24/12/1911 e não esqueceu o edifício da Faculdade de Letras que o Governo lhe cedera a 24/7. A esfíngie que escolheu para as suas armas, disse, é bem o símbolo dessa nova realidade em que a divisa “Sapiëntia auro pretiosior” apela e convida a procurar a verdadeira sabedoria. Na expressão de Dante «*Selva, selvaggia aspra e forte*» traduziu Mendes dos Remédios o hercúleo esforço despendido para arrancar do nada aquilo que já anunciava o futuro auspicioso da Faculdade.

Como afirmou, a raiz do progresso alcançado está na autonomia estabelecida pelo Decreto de 19/8/1907. Citou os espanhóis José Canalejas y Mendes, Aniceto Sela e Gumersindo de Azcárate como defensores da autonomia universitária e lembrou que o mesmo sucede noutros países. O art.º 12.º da Constituição fala da aplicação das receitas realçando que as missões de estudo se revestiam de enorme importância³⁵. Em 1908-1909, Marnôco e Sousa e Alberto dos Reis estiveram em Itália e França; Sobral Cid em França; Ângelo da Fonseca, Henrique de Figueiredo e Sidónio Pais em França; Egas Pinto Bastos deslocou-se à Inglaterra. No ano seguinte, houve mais 5 missões; em 1910-11, 1911-1912 e 1912-1913, 4, 7 e 6, respectivamente.

Mendes dos Remédios salientou a importância dos relatórios elaborados após as viagens de estudo. Essa ideia está bem vincada na reforma universitária que foi elaborada por ele, por Daniel de Matos, Gonçalves Guimarães, Machado

³⁵ Ele próprio fora à Holanda aos arquivos israelitas de Amsterdão e o fruto desta viagem foi o livro *Os judeus portugueses em Amsterdam*, 1911; e a *Chronica do Infante Santo*. Algumas viagens científicas registadas nas AFL são as de: Alves dos Santos (22/11/1911) que entregou o relatório sobre a sua actividade em Paris e no Laboratório de Psicologia Experimental de Genebra (1/12/1912; o seu relatório foi lido a 21/12/1912); Carlos de Mesquita sobre a sua viagem a Inglaterra (6/12/1913). Também Mário Brandão realizou uma missão de estudo a Hamburgo (9/1/1925); Virgílio Correia a Madrid (7/3/1922); Gonçalo Guimarães, Ferrand de Almeida (30/7/1925) e Oliveira Guimarães (12/5/1926). A 21/10/1925, Cerejeira propõe um regulamento para missões estrangeiras e a 5/11/1925, tratou dos critérios para as missões.

Vilela, Sidónio Pais, Sobral Cid e pelos estudantes Lopo de Carvalho e Nogueira Soares.

Como muito bem lembrou António de Vasconcelos na oração *de sapientia* a criação da Faculdade de Letras era uma velha aspiração. O orador historiou o que foi ensino das Humanidades na Universidade de Coimbra destacando o brilho alcançado no séc. XVI e justificou em pormenor a criação da Faculdade de Letras que já existia em tantos países³⁶. Em apêndice tratou da cultura e do ensino humanístico na Universidade de Coimbra no meado do século XVI e das escolas do ensino primário criadas em todo o país, fiscalizadas e dirigidas pela Universidade.

No discurso em honra de António José de Almeida quando este visitou a Faculdade em 30/11/1919 por ocasião da abertura das aulas do novo ano académico de 1919-1920, voltou a recordar as tentativas feitas para que na Universidade de Coimbra se fundasse a Faculdade de Letras. Recordou os esforços do Claustro Pleno da Universidade a 10/4/1867 e do lente da Faculdade de Filosofia, Dr. José Maria Abreu. Também em 1874 António José Teixeira, Manuel Emídio Garcia e Augusto Filipe Simões, lentes respectivamente de Matemática, Direito e Medicina, ergueram a sua voz, quando a nossa Academia, docente e discente, se preparava para celebrar as festas do tricentenário de Luís de Camões. O Claustro Pleno da Universidade, a 16/4/1880, além de outras pretensões apresentou a da criação de uma Faculdade de Letras: «conseguir-se-ia preencher assim uma falta considerável no quadro dos estudos». Recordou uma representação dirigida ao Governo, com data de 29/6, onde se faziam três pedidos, todos bem fundamentados, entre os quais figurava, em primeiro lugar, a criação da tão desejada Faculdade de Letras, em cujo 3.º ano se estudaria, além de História da Filosofia e das Literaturas Antigas e Medievais, de História, Geografia e Etnologia das colónias portuguesas.

Em 1888, o benemérito reitor Adriano de Abreu Cardoso Machado, pôs a sua influência e energia ao serviço de tão salutar causa. Em 1907, uma comissão de professores de todas as Faculdades, trabalhando em nome dos respectivos Conselhos Académicos, procurou que esse antigo *desideratum* se tornasse uma realidade. Mas tudo foi de balde.

Até que o Governo Provisório da República com a pasta do Interior confiada a António José de Almeida e tendo como Director-Geral da Instrução Pública o professor Ângelo da Fonseca decidiu criar a Faculdade de Letras.

³⁶ In RUC, I, 191.

Afirmou António de Vasconcelos: «Abre-se então um largo e luminoso horizonte para a Instrução. As reformas de 1911 arrancam o ensino do marasmo que em que jaziam, e as Universidades, dotadas agora de ampla autonomia pedagógica e administrativa, em breve o transformam completamente»³⁷.

Proseguiu: «De então em diante, procurou-se continuar a servir a Pátria e a República, no desempenho consciencioso dos nossos deveres profissionais». E referiu em pormenor muito do que havia sido feito sem esquecer o muito que ainda havia a fazer.

Recordou as palavras proferidas naquela que parecia a última reunião da Faculdade, a 23/5/1910: «Sobre o agravo nesta hora recebido»³⁸, o Conselho Escolar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sente principalmente ver assim amputada esta grande Universidade, na qual renasceu no ano de 1911. É pois à Faculdade e dela e da Nação que, tendo vivido e ensinado com honra pelo espaço de oito anos, a Faculdade de Letras pode proclamar, e tem o dever de proclamar, na hora em que é extinta, que jamais traiu o pensamento ou a inspiração com que a Universidade foi fundada».

E concluiu: «O testemunho da própria consciência, que nestas palavras se exprime, eu tenho a honra e o orgulho, Senhor Presidente da República Portuguesa, de o repetir agora, em momento de justificada alegria e satisfação, perante V.^a Ex.^a a quem a minha Faculdade deve o existir, perante o Senhor Presidente do Senado, lídimo representante do Parlamento que a restabeleceu na Universidade de Coimbra, e perante o Senhor Ministro da Instrução que muito contribuiu para esse restabelecimento».

Acrescentou: «Nós, os professores da Faculdade de Letras, temos tido sempre a peito ensinar e educar honestamente, dedicadamente, os alunos inscritos nas nossas cadeiras, observando, sem discrepância, a máxima lealdade para com a República e para com as Leis da Nação, em conformidade com o compromisso de honra, que livremente tomámos ao ingressar na posse dos nossos cargos. Assim temos procedido, assim continuaremos a proceder».

³⁷ AFL, I, 170-174 (acta de 22/12/1919). A 5/2/1925, o director propôs que António José de Almeida seja convidado para presidente da Comissão de Honra do Curso de Férias. Aquando da sua morte foi exarado um voto de pesar na acta de 12/12/1929, àquele «que assinou o decreto criando as Faculdades de Letras e que se envie à viúva condolências» (AFL, I, 248). No seu livro *Escritos Vários*, I, 143-153, António de Vasconcelos refere-se em termos muito elogiosos a António José de Almeida, Teófilo Braga e Ângelo da Fonseca pela forma como contribuíram para a defesa dos interesses da Faculdade de Letras.

³⁸ Referia-se à desanexação da Faculdade de Letras que passava para o Porto (Decreto n.º 5770, de 10/5), durante o reitorado de Coelho de Carvalho.

E concluiu: «O pensamento ou a inspiração com que V.^a Ex.^a criou na Universidade de Coimbra uma Faculdade de Letras, nunca foi, nem jamais será traído por nós»³⁹.

Doutoramentos de professores da Faculdade de Letras

Aos primeiros professores da Faculdade de Letras foi atribuído o grau de doutor sem prestação de provas⁴⁰. O acto teve lugar a 1/7/1916 tendo recebido a distinção António de Vasconcelos (Secções de Filologia Românica e de Ciências Históricas), Porfírio António da Silva (Ciências Históricas e Geográficas), Joaquim Mendes dos Remédios (Filologia Românica), Augusto Joaquim Alves dos Santos (Filosofia), José Joaquim de Oliveira Guimarães (Filologia Clássica), Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Filologia Românica e Filologia Germânica) e Eugénio de Castro e Almeida (Filologia Românica).

A 3/2/1917, foi doutorado em Filologia Clássica e Filologia Românica António José Gonçalves Guimarães⁴¹. A 1/7/1921, Eugénio de Castro, António de Vasconcelos, Joaquim de Carvalho e Gonçalves Cerejeira apresentaram uma proposta para a concessão do grau de doutor sem prestação de provas a Virgílio Correia Pinto da Fonseca, com base no artigo 55.º do Estatuto Universitário e no artigo 1.º do Decreto n.º 5 232, de 10/3/1919⁴².

Igualmente sem prestação de provas obteve o grau de doutor Anselmo Ferraz de Carvalho (Ciências Geográficas) a 18/11/1918⁴³.

³⁹ Termina o discurso: “Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 30/10/1919. O director, Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos”.

⁴⁰ Foi a Lei n.º 616, publicada no Diário do Governo, I Série, n.º 122, de 19/6/1916, que autorizou essa atribuição. Na sessão do Conselho da Faculdade de 2/12/1916 foi aprovado o Regulamento para execução do artigo 16.º da referida Lei, o qual foi aprovado pelo Decreto n.º 2 944 de 18/1/1917.

⁴¹ O parecer foi elaborado pela comissão eleita constituída por Mendes dos Remédios, Alves dos Santos, Oliveira Guimarães, D.^a Carolina de Vasconcelos e Eugénio de Castro.

⁴² Mas só a 11/5/1932 é que lhe foi atribuído o grau de doutor *honoris causa* ao abrigo do § 2.º ao art. 70.º do Decreto-Lei n.º 18 717 de 27/6/1930.

⁴³ AFL, I, 151. Era o primeiro doutoramento em Ciências Geográficas depois de o Decreto n.º 4 651 de 14/7/1918, art. 2.º § 3.º, ter desdobrado a 4.^a secção em Ciências Históricas e Ciências Geográficas.

Doutoramentos *Honoris Causa*⁴⁴

Àqueles professores juntamos ainda: José Maria Rodrigues em 1/4/1922 que leccionou na Faculdade de Teologia passando depois para Lisboa onde foi reitor e ensinou no Liceu do Carmo⁴⁵. Entrou a seguir para o corpo docente do Curso Superior de Letras e daqui passou para a Faculdade de Letras de Lisboa⁴⁶; Wilhelm Meyer-Lübke a 25/3/1926⁴⁷; Alfred Jeanroy a 12/5/1932⁴⁸; Edgar Prestage a 31/7/1933⁴⁹; Eduardo Wechsler a

⁴⁴ Vid. *Orações de Sapiência da Faculdade de Letras 1912-1995*, 2002; Fernando Aguiar-Branco, *Doutores Honoris Causa em Letras de 1916 a 2001 (Sinopse das suas biografias)*, Porto, Fundação António de Almeida, 2002.

⁴⁵ Na sessão de 24/3/1922, António de Vasconcelos propôs que se concedesse o grau de doutor a José Maria Rodrigues. Foi eleita uma comissão composta por Mendes dos Remédios, Oliveira Guimarães, D.^a Carolina de Vasconcelos, Eugénio de Castro e Paulo Merêa. O parecer foi lido na reunião de 1/4/1922, tendo merecido a aprovação por unanimidade (AFL, I, 208-21). No final todos se dirigiram à Sala do Senado, incluindo-se Silva Teles, professor da Faculdade de Letras de Lisboa, e vários professores. Houve várias alocações e a terminar o novo doutor sentou-se na cadeira honorífica, entre o reitor e o director da Faculdade de Letras.

⁴⁶ Em Coimbra, tornou-se famoso pela polémica com Camilo Castelo Branco, porque este, na resposta a Avelino Calixto aludira irrespeitosamente ao dogma da infalibilidade do papa. A polémica ficou conhecida por Questão da Sebenta. José Maria Rodrigues contribuiu com os folhetos *Dois palavras ao Sr. Camilo Castelo Branco* e *As evasivas do Sr. Camilo Castelo Branco*. Também interveio em defesa da Faculdade de Teologia atacada pelo bispo de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina, que atribuía a essa instituição a defesa da doutrina regalista formulada pelo professor Damásio Fragoso no seu trabalho *Memória lida perante o Conselho Superior de Instrução Pública*. José Maria Rodrigues dedicou-se arduamente aos estudos históricos e linguísticos e, sobretudo, a investigações sobre Camões e a sua obra. É vasta a bibliografia que nos legou. Na sessão de 1/4/1922, depois de lida a proposta de 24/3/1922, António de Vasconcelos, Joaquim de Carvalho e Gonçalves Cerejeira apresentaram uma proposta no sentido de se atribuir a José Maria Rodrigues, então professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o grau de doutor em Letras (Filologia Românica).

⁴⁷ A proposta data de 25/3/1926, tendo sido convidado Bernardino Machado para apadrinhar o acto e indigitados na sessão de 14/4/1926 para proferirem as orações da praxe G. Cerejeira e Joaquim Carvalho; na sessão de 27/4/1927, o director informou que o Governo Prussiano não podia prorrogar-lhe a estada em Coimbra (25/3/1926). A 14/4/1926, aprovou-se que Bernardino Machado presidente da República seria o padrinho e fariam os discursos Gonçalves Cerejeira e Joaquim de Carvalho.

⁴⁸ AFL, II, 209-212; II, 90-91, 93, 171, 174, 176, 179; II, 176 e 179; II, 174.

⁴⁹ AFL, II, 224-225. Ferrand de Almeida propôs a 14/12/1931 um voto de agradecimento pelo vasto auxílio prestado à Sala Inglesa; a 31/7/1933, Eugénio de Castro e Joaquim Carvalho apresentaram uma proposta para Prestage ser doutorado; em 28/2/1934, diz-se que ele viria a Coimbra devendo então ter lugar o doutoramento *honoris causa*. A 27/4/1934, Prestage escreve que não pode estar em Coimbra para o doutoramento por motivos de saúde e que oferecia a sua biblioteca à Faculdade; a 18/5/1934, Ferrand de Almeida falou da sucessão de Prestage com a

31/7/1933⁵⁰; Georges Le Gentil a 15/5/1934; Fritz Krüger a 26/6/1935; Paul Valéry a 29/4/1937; Aubrey Bell a 30/4/1937; Hubert Gillot a 8/12/1937; Gorges Pagès a 8/12/1937; Hermann Lautensach a 8/12/1937; Karl Vossler a 8/12/1937; Pio Zabala y Lera a 8/12/1937; Afrânio Peixoto a 8/12/1937⁵¹. Como se vê, em 1937, por ocasião da passagem do 400.º aniversário da transferência definitiva da Universidade para Coimbra, várias personalidades foram agraciadas com a distinção de doutores *honoris causa*.

Professores com prestação de provas doutorais

Os primeiros doutorados foram: José Simões Neves a 12/2/1917 (Filologia Clássica)⁵², Joaquim de Carvalho a 14/2/1917 (Filosofia)⁵³, Carlos Simões

vinda de West e das lições dadas no King’s College graças a Prestage. A 31/7/1935, Providência e Costa propõe que se escreva um livro de homenagem a Prestage.

⁵⁰ A 31/7/1933, Providência e Costa e Ferrand de Almeida fizeram o mesmo quanto a Wechssler; a 9/12/1926, informa-se que Wechssler vem a Coimbra proferir conferências; a 9/12/1927, informa-se a vinda de Wechssler e de Ernest Gamillscheg (a 8/3/1928 temos a mesma informação); a 31/7/1933, proposta de Ferrand de Almeida e Providência e Costa para o doutoramento; a 28/2/1934, Agostinho de Campos fala do doutoramento de Gentil e propõe que seja no mesmo dia de Prestage e Wechssler.

⁵¹ Depois de 1937 foram doutorados pela Faculdade de Letras até 27/5/2001, Giocchino Volpe a 28/3/1938; Eugénio d’Ors a 11/12/1938; Augustin Fliche a 11/2/1940; Agostino Gemelli a 11/2/1940; Manuel Trindade Salgueiro a 22/4/1941; William J. Entwistle a 22/4/1945; Pierre David a 15/4/1951; Joseph Maria Piel a 15/4/1951; Émile Planchard a 15/4/1951; M. Paulo Merêa em 1948; Pedro Calmon a 8/6/1952; Júlio Dantas a 6/3/1955; Eugène Tisserant a 19/10/1956; Fridrich Stegnüller em 1958; António de Oliveira Salazar a 27/4/1959; Richard Pattee a 10/7/1960; Gilberto Freyre a 18/11/1962; Roderick W/Horton a 24/5/1964; José Sebastião da Silva Dias a 20/3/1966; Guilhermino César a 14/5/1967; Rui Pinto de Azevedo a 30/6/1968; Giacinto Manuppella a 30/6/1968; António Nogueira Gonçalves a 28/12/1979; Robert Étienne a 17/6/1983; Orlando Ribeiro a 1/7/1984; M. Santiago Kasatner a 1/7/1984; Ernesto Guerra da Cal a 23/4/1989; Alonso Zamora Vicente a 23/4/1989; Charles Verlinden a 23/4/1989; Albert Silbert a 26/5/1991; Giovanni Spadolini a 29/11/1991; Gladstone Chaves de Melo a 24/10/1993; Vergílio Ferreira a 24/10/1993; Eduardo Lourenço a 21/4/1996; Suzanne Daveau a 25/10/1996; Ángel Cabo Alonso a 25/10/1998; Evanildo Bechara a 19/11/2000; Arthur Askins a 19/11/2000; Fernando Aguiar-Branco a 18/2/2001 e Harold Bloom a 27/5/2001.

⁵² Passou depois para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde foi professor catedrático. Sobre este docente, vid. Justino Mendes de Almeida, *Professor Doutor José Simões Neves: In memoriam*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1955.

⁵³ Na sessão de 22/6/1925, Joaquim de Carvalho anunciou que Gebhart escreverá sobre Spinoza no volume de homenagem a D.^a Carolina. A 22/3/1927, Joaquim de Carvalho apresenta o relatório da sua missão para a representar a Faculdade no Congresso Spinoziano de Haia no 250.º aniversário do grande filósofo. A sua comunicação intitulou-se “Contribuições portuguesas para os estudos spinozianos na “Domus Spinoziana”. Joaquim de Carvalho fundou e foi director da *Revista Filosófica*, director da *Revista da Universidade de Coimbra*, dos *Acta Universitatis*

Ventura a 27 do mesmo ano (Filologia Clássica), e Manuel Gonçalves Cerejeira a 30/1/1918 (Ciências Históricas e Geográficas)⁵⁴.

A propósito deste último recordamos aqui a alocução proferida na sala do Senado por António de Vasconcelos, naquele mesmo dia, no acto de conferir as insígnias doutorais a Manuel Gonçalves Cerejeira: «Em tempos não há muito passados o dia em que na Universidade se graduava um novo doutor era dia solene e de grande festa, não só para a nossa veneranda *Alma Mater*, mas também para toda Coimbra». O autor fala do toque dos sinos, da ornamentação da Paço das Escolas, da Capela, da Via Latina, da Sala dos Capelos, do adorno das janelas com vistosas colgaduras, dos uniformes de grande gala dos funcionários, da música, da presença dos doutores, ornados com borla e capelo, do acompanhamento do novo candidato pelo reitor e pelo decano da Faculdade, etc. E diz: «Por bem natural associação de ideias, era despertada a lembrança histórica dos antigos heróis, ao receberem as honras do triunfo, após as mais assinaladas vitórias... Nessas solenidades académicas ressuscitava-se o passado, animava-se o presente, preparava-se o futuro. Elas eram uma recordação de antigas glórias, um prémio ao talento e virtude, um estímulo ao progresso». E perguntava: «O que nos resta agora de tudo isso? Uma saudosa lembrança apenas. Tudo foi suprimido!! Por quem? Não se sabe! Para quê? Ignora-se! Que vantagens resultaram dessa supressão?». Lá fora, afirmou António de Vasconcelos, mantiveram-se «essas solenidades tradicionais, essas insígnias honoríficas, essas cerimónias medievais, tão belas e tão poéticas no seu simbolismo...». E prosseguiu: «Na antiga e gloriosa Universidade de Coimbra estão *de facto* suprimidas todas as solenidades. Por determinação da lei? Não. A legislação universitária apenas determina que a colação grau de doutor resulte *ipso facto* da aprovação em todas as provas do respectivo exame: suprimiu portanto a cerimónia dessa colação, mas nem aboliu as insígnias doutorais consagradas pelas antigas leis e costumes, nem proibiu que o novo doutor fosse investido com solenidade, segundo a tradição tantas vezes secular, na posse dessas insígnias. Entretanto nós temos de aceitar os factos, como eles são; havemos de nos conformar com a realidade das coisas:

Conimbricensis e dos *Universitatis Conimbricensis Studia ac Regesta*. Entre outros cargos foi administrador da Imprensa da Universidade e director da Biblioteca Geral. Foi-lhe dedicado o vol. LVI de *Biblos*. Deixou uma vasta e valiosa obra que foi editada em seis volumes pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direcção de J. V. de Pina Martins.

⁵⁴ Entre outros cargos, foi secretário da Faculdade, director do Arquivo da Universidade de Coimbra e secretário da redacção da revista *Boletim da Faculdade de Letras* (depois *Biblos*).

e a realidade é que todo esse cerimonial desapareceu»⁵⁵. Passou depois a falar do doutoramento de Gonçalves Cerejeira tecendo-lhe os maiores elogios pelas provas realizadas e pelo seu passado ao serviço de três Faculdades, lamentando que o acto não se revestisse do brilho merecido: «Pena é que não se revista o presente acto da antiga pompa e solenidade; que não vejamos aqui a Assembleia respeitabilíssima dos doutores de todas as Faculdades, revestidos das suas insígnias para receberem o novo colega ao amplexo fraterno, trocando com ele o ósculo de paz e amizade inquebrantável». Saudou efusivamente o novo doutor e teceu algumas considerações acerca do significado da toga e da capa, do capelo, do anel e do barrete doutoral, terminando com as palavras de Camões nos *Lusíadas*, III, 97:

⁵⁵ Na reunião do Senado de 13/XI/1915, Carneiro Pacheco chamou a atenção para os artigos 68.º e 69.º da Constituição Universitária que tratam do início do novo ano escolar em que o reitor apresenta um relatório e um professor faz a oração *de sapientia*. Mas não se tem dado cumprimento àquelas disposições. Carneiro Pacheco lembrou que todos recordavam essa festa tradicional, «uma das mais belas que a Universidade celebrava, constituindo uma tradição a manter como tantas outras tradições universitárias». E aludiu ao discurso proferido na abertura solene das aulas da Universidade de Lisboa pelo seu colega da Faculdade de Estudos Sociais e de Direito de Lisboa, professor Barbosa de Magalhães, «no qual se exaltavam as tradições da Universidade de Coimbra e o seu espírito universitário, exempos a seguir por aquela como essenciais aos professores da Universidade». Não devia pois abandonar as suas tradições, não devia quebrar o seu espírito universitário, «tão necessário ao melhor aproveitamento do princípio de autonomia universitária». Havia que cumprir os artigos 68.º e 69.º da Constituição Universitária já na abertura do próximo ano lectivo. Referiu-se depois ao traje académico. Recentemente o Senado de Lisboa, reconhecendo essa necessidade, adoptou um. Em Coimbra, há um traje tradicional que devia ser retomado, pois o despacho de 19/X/1910 apenas se refere ao uso facultativo da capa e batina, mas sem alusão à borla e capelo. Propunha Carneiro Pacheco que fosse obrigatório o traje tradicional e que fosse constituída uma comissão para estudar o caso. Em terceiro lugar, finalmente, referiu-se à necessidade de se olhar pela Sala dos Capelos, «cujas antiga grandeza e valor antigo deviam ser integralmente mantidos, preferindo que para este efeito se nomeasse uma comissão que com poderes para olhar também pelas outras dependências da Universidade, ficasse constituindo verdadeiramente uma comissão de estética universitária. Finalmente, propôs que as Faculdades conferissem prémios e honras de *accessit* aos alunos e que os respectivos diplomas fossem distribuídos na sessão solene da abertura das aulas. Em resumo, eram quatro as propostas de Carneiro Pacheco: que o Senado resolvesse que no próximo ano lectivo houvesse inauguração solene; que se elegeisse uma comissão encarregada para tratar do traje oficial; que se escolhesse uma comissão de estética universitária que começasse pela Sala dos Capelos; que aos alunos classificados fossem solenemente entregues os diplomas na sessão inaugural do ano académico. Depois de terem usado da palavra Vasconcelos, Vilela e Álvaro de Matos, o Senado deliberou: 1. a Faculdade de Direito ficava encarregada da recitação da oração *de sapientia*; 2. Vasconcelos, Álvaro Basto e Carneiro Pacheco faziam parte da primeira comissão; 3. Eugénio de Castro, António Augusto Gonçalves e Joaquim de Vasconcelos constituíram a segunda; a distribuição dos diplomas seria feita na sessão solene.

*Quanto pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva:
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do Bácaro, e do sempre verde louro»⁵⁶*

Outros doutoramentos com prestação de provas foram os de Aristides de Amorim Girão a 1/4/1922 (Ciências Históricas e Geográficas) tendo recebido as insígnias a 28/5/1922, o primeiro realizado segundo a tradição antiga que havia sido suspensa após a República⁵⁷; Ferrand Pimentel de Almeida a 1/12/1919 (Filologia Germânica)⁵⁸, João da Providência e Costa a 16/12/1919 (Filologia Germânica), Manuel Serras Pereira a 6/12/1923 (Filosofia)⁵⁹, Sílvio Vieira

⁵⁶ No texto dos Lusíadas III, 97 lê-se no início: «Fez primeiro em Coimbra exercitar-se / O valeroso officio de Minerva; E de Helicon a Musas fez passar-se / A pisar do Mondego a fértil erva». – Sobre as insígnias doutorais, vid. Manuel Gonçalves Cerejeira, *Vinte anos de Coimbra*, Lisboa, 1943, p. XXIII-XXVII.; e António de Vasconcelos, “O uso das insígnias doutorais”, in *Correio de Coimbra* de 26/7/1924. Depois de relatar a estranheza causada pelo facto de três professores da Universidade terem participado num Congresso Eucarístico realizado em Braga com as suas insígnias, faz o seu historial e cita a propósito a Portaria de 14/4/1859 assinada pelo ministro do Reino Marquês de Loulé: «Sua Majestade El-Rei considerando que as insígnias de que, desde longa data, se revestem os lentes da Universidade de Coimbra (insígnias doutorais) são inconstestavelmente as mais apropriadas ao carácter respeitável do primeiro corpo científico do país, e à gravidade do magistério e da importante missão que ele desempenha na sociedade, e que devem por isso ser preferidas, em todos os actos públicos, a quaisquer uniformes e distintivos, por mais ostentosos que pareçam: – Há por bem permitir que o Prelado e os lentes das diversas Faculdades da Universidade de Coimbra, quando tenham de se apresentar individualmente ou colectivamente nas solenidades públicas, possam usar as mesmas insígnias de que usam nos actos solenes académicos».

⁵⁷ O padrinho foi Anselmo Ferraz de Carvalho e proferiram os discursos Joaquim de Carvalho e Gonçalves Cerejeira, tendo ainda Eugénio de Castro dirigido algumas palavras em que se congratulou com o restabelecimento de tão significativa solenidade. De notar que aquando da visita de Sidónio Pais à Universidade houve um cortejo em que os lentes usaram as suas insígnias. O mesmo sucedeu em 15 de Abril de 1921 quando foi concedido o grau de doutor *honoris causa* aos generais dos aliados, o marechal francês Jacques Caesarius Joffre, o generalíssimo do exército italiano Armando Diaz e o general inglês Sir Horace Lockwood Smith Dorrien, tendo discursado Oliveira Guimarães, reitor interino, Diogo Pacheco de Amorim e João José Dantas Souto Rodrigues.

⁵⁸ Foi director do Arquivo da Universidade (1928-1938) sucedendo a Gonçalves Cerejeira e director do Instituto de Estudos Ingleses e do Instituto de Estudos Alemães revelando-se um notável germanista. Estudou no Seminário de Évora e depois frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma onde se doutorou em Filosofia e Teologia *summa cum laude*. Esteve à frente da Câmara Municipal de Coimbra e foi procurador à Câmara Corporativa.

⁵⁹ Não foi reconduzido para o ano de 1925-1926.

Mendes Lima a 14/7/1932 (Filosofia)⁶⁰, Virgílio Guerra Taborda a 14/7/1932 (Ciências Históricas e Geográficas)⁶¹, Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão a 1/8/1933 (Ciências Históricas e Geográficas)⁶², Torquato Brochado de Sousa Soares a 31/7/1935 (Ciências Históricas e Geográficas)⁶³ e Manuel de Paiva Boléo a 29/7/1937 (Filologia Românica)⁶⁴.

Outros professores da Faculdade de Letras

A Faculdade contou com outros professores que asseguraram o serviço docente: Joaquim António da Fonseca Vasconcelos (Porto, 10/2/1849 – 2/3/1936) para reger Arqueologia (1915-1918), Elias Luís de Aguiar para História da Música e Canto Coral (1919-1924) e António Simões de Carvalho Barbas para semelhante tarefa; Manuel dos Santos Gil para leitura de Língua

⁶⁰ A sua crítica ao livro de Gonçalves Cerejeira, *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, deu origem a uma controvérsia em que interveio Manuel Trindade Salgueiro. Foi desligado do serviço da Faculdade devido às suas ideias políticas entre 16/5/1935 e 1941. Foi reintegrado na Faculdade como professor catedrático aposentado pelo Decreto-Lei n.º 173 de 1974. Vid. *AFL*, de 5/6/1925 (ofício de 16/5/1935); foi-lhe dedicado o vol. LV de *Biblos*. – Os trabalhos deste professor foram editados com o título *Obras completas*, 2 vols., Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas, 2002/- Vid. Paulo Archer de Carvalho, *Sílvio Lima: um místico da razão crítica: da incondicionalidade do amor intellectuellis*, Coimbra, 2009 (Tese de doutoramento em História Contemporânea (História da Cultura) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

⁶¹ Leccionou várias cadeiras de Geografia, História das Religiões, História dos Descobrimentos e Colonização, etc. Escreveu “Maquiavel e antimaquiavel”, in *Biblos*, IV, 1928 e 1930.

⁶² Era sobrinho de Joaquim Mendes dos Remédios e foi 2.º conservador do Arquivo da Universidade (1926-1933) e seu director (1938-1970). Foi leitor de Português nas Universidades de Hamburgo em 1925-1927 e da de Berlim em 1927-1928. Na sua vasta bibliografia contam-se importantes trabalhos sobre a história da Universidade de Coimbra.

⁶³ Fundou em 1940 com Paulo Merêa a *Revista Portuguesa de História* da qual foi director e, como director do Arquivo da Universidade, o *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. A ele se ficou a dever a aquisição da biblioteca Gama Barros e da biblioteca de Pierre David. Dirigiu a reedição da *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV* de Gama Barros. Leccionou em Universidades de São Paulo, Barcelona, Madrid, Saragoça e Valência e foi professor da delegação de Sá da Bandeira dos Estudos Gerais Universitários de Angola entre 1965 e 1969. Retomou a actividade docente em Coimbra em 1970.

⁶⁴ Teve uma actividade científica muito fecunda. Em 1931-1935, exerceu as funções de leitor de Língua e Literatura portuguesas na Universidade de Hamburgo. Em 1981 teve lugar a cerimónia solene da entrega dos dois volumes da *Biblos* em sua homenagem. Morreu quando tinha em preparação o XX volume da *Revista Portuguesa de Filologia*. Foram-lhe dedicados os vols. LVII e LVIII da revista *Biblos* onde vem registada a sua vasta e rica bibliografia.

Portuguesa, António Marques de Jesus para Filologia Clássica (1930-1938), Armando Soeiro Moreira de Lacerda para Fonética (1936-1972), Francisco Romano de Newton de Macedo para Filosofia (1919), António Augusto Gonçalves Rodrigues para Filologia Germânica (1932-1951)⁶⁵, Manuel Trindade Salgueiro para Filosofia (1936-1941)⁶⁶, Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos para Filosofia (1919), João José de Brito e Silva assistente interino (1921) e depois 1.º conservador do Arquivo da Universidade (1926), Agostinho Celso de Azevedo Campos para Literatura e Filologia Portuguesa (1932) que se transferiu para a Faculdade de Letras Lisboa em 10/11/1937⁶⁷.

Colaboração de outras Faculdades

De Direito: João Maria Telo de Magalhães Colaço para leccionar a disciplina de História das Religiões e outras (1915-1921), Manuel Paulo Merêa para História de Portugal (1920-1923) e Luís Cabral de Oliveira Moncada também para História de Portugal (1928-1930).

De Medicina: Joaquim Martins Teixeira de Carvalho para a cadeira de Estética e História da Arte (1919-1921), José Augusto Correia de Oliveira para Psicologia Experimental (1936-1951), António Meliço Silvestre para Higiene Escolar (1931-1969) e João Serras e Silva para Geografia Política e Económica (1919-1920), História dos Descobrimentos e Colonização (1920-1923) e Higiene Escolar (1930-1933).

De Ciências: João Gualberto de Barros e Cunha para Etnologia (1934-1935), Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação (1912-1950) para a mesma cadeira, Alberto Xavier da Cunha Marques para Etnologia Geral (1960-1961), José Custódio de Morais para Geografia e Paleogeografia (1936-1941) e Armando Temido para Geografia (1924-1925).

⁶⁵ António Augusto Gonçalves Rodrigues transferiu-se para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1951. O vol. XXVII (1951) de *Biblos* inclui a vasta bibliografia deste grande germanista.

⁶⁶ Doutorou-se em Direito Canónico e Teologia pela Universidade de Estrasburgo em 1925. Foi em Lisboa arcebispo de Mitilene e depois arcebispo de Évora.

⁶⁷ A 2/11/1932, o director apresentou uma proposta elaborada por Eugénio de Castro para que Agostinho de Campos passasse a professor catedrático da secção de Românicas da Faculdade (AFL, II, 182-186). Na sessão de 2/3/1933 (AFL, II, 206-208) foi por todos aceite a proposta de Eugénio de Castro para que se lhe concedesse o grau de doutor ao abrigo do § 4.º do art.º 97 do Decreto n.º 12 426, de 2/10/1926.

Professores estrangeiros

De entre os professores de outros países destacamos os alemães Albin Eduard Andreas Beau, Joseph Maria Piel, Wilhelm Meyer-Lübke e Karl Otto Barnim Supprian.

Igualmente deram o seu contributo o belga Émile Joseph Félix Planchard⁶⁸; e os franceses Raymond Bernard, Georges Millardet, Jean-Baptiste Aquarone, Jean-Louis Aussel, Léon Bourdon, Jules Chaix-Ruy, Pierre Hourcade, Alfred Jeanroy, Georges Le Gentil e Marius Riquier.

Dos ingleses lembramos Leonard Stephen Downes⁶⁹, John Opie⁷⁰ e Sidney George West⁷¹.

E, finalmente, temos entre os italianos o célebre Giuseppe Guido Battelli que muito se dedicou à obra de Florbela Espanca, Guido Vitaletti⁷² e Ipolito Galante⁷³.

⁶⁸ Foi doutorado *honoris causa* pela Universidade de Coimbra 15/4/1951 e equiparado a professor catedrático em 1970. Foi cônsul honorário da Bélgica em Coimbra desde 1954. Fundou em 1960 a *Revista Portuguesa de Pedagogia* de que foi director. Além de uma intensa actividade docente deixou uma obra notável nas áreas da Pedagogia e da Psicologia. O vol. XXVII da revista *Biblos* inclui uma vasta bibliografia deste professor. Vid. Nicolau A. V. Raposo, *Professeur Émile Planchard: note bio-bibliographique*, Coimbra, 1997.

⁶⁹ Representou a Universidade de Glasgow nas comemorações do 4.º centenário da transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1937. Foi leitor de Inglês entre 1936 e 1943. Fundou em 1939 a Casa de Inglaterra em Coimbra.

⁷⁰ Teve a seu cargo várias cadeiras de Inglês e Alemão desde 1912 até 1934. Formado em Letras pela Universidade de Londres era professor do King's College quando foi contratado em 29/10/1934 para professor da Faculdade de Letras de Coimbra onde permaneceu até 1936. Foi o fundador do Instituto Britânico em Portugal e do Instituto Inglês da Faculdade de Letras. Leccionou ainda outras instituições tendo sido leitor de Português na Universidade de Londres.

⁷¹ Era formado em Letras pela Universidade de Londres e foi discípulo de Edgar Prestage e professor auxiliar do King's College dessa cidade. Na sessão de 19/10/1934 já se encontrava em Coimbra. Vinha substituir John Opie que atingira limite de idade. Foi contratado a 29/10/1934, tendo tomado posse a 21/11. Fundou o Instituto Britânico em Portugal e o Instituto Inglês da Faculdade de Letras. Na sessão de 5/6/1935 informa-se que Sidney West conseguiu obter uma verba avultada para apetrechar o Instituto e que está a chegar a primeira remessa de livros. Rescindiou o contrato a 26/10/1936. Exerceu ainda vários cargos.

⁷² A inauguração da Sala Italiana teve lugar a 6/6/1929 durante o Curso de Férias com a presença do ministro de Itália que fará uma comunicação. A 28/10/1929, o Conselho resolveu que se abrisse um curso de Língua e Literatura Italiana que ficaria a cargo de Vitaletti (AFL, II, 104; 118, 130).

⁷³ O director da Faculdade, Eugénio de Castro, propôs a 17/1/1933 que o curso de Literatura Italiana fosse confiado a Ippolito Galante, «cuja competência é notória e que se presta a desempenhar gratuitamente esta comissão de serviço; a 3/2/1934, o Conselho autorizou que Galante ministrasse um curso livre de Italiano; a 19/10/1934, 16/11/1934 e 6/12/1934 fala-se

Salas e bibliotecas

Além da Biblioteca de S. Pedro, a Faculdade de Letras foi-se enriquecendo, com livros e revistas. A 6/12/1913, teve lugar a oferta de um códice hindu para a Biblioteca pelo Padre José Monteiro de Aguiar⁷⁴.

De grande importância se revestiu a criação de Salas ou Institutos de cultura estrangeira. A 20/11/1924, Mendes dos Remédios falou da necessidade de criar outras salas que, como a Sala Americana, se destinem a recolher todos os elementos para o estudo da cultura de diversos povos. Essas salas seriam depois verdadeiros institutos de estudo. Propôs que se criasse uma sala para o estudo da civilização dos povos e da nossa civilização em particular; a Sala Românica era dedicada às culturas francesa, espanhola e italiana; uma terceira, denominada Sala Germanística, compreendendo a já criada Sala Americana, era consagrada à cultura norte-americana, inglesa e alemã; havia ainda a Sala Portugal-Brasil e finalmente a Sala dos Estudantes⁷⁵.

Na sessão de 5/2/1925, o director informou ter comunicado ao Embaixador do Brasil a criação de uma Sala Brasileira⁷⁶ e ao ministro da Alemanha a criação de uma Sala Alemã⁷⁷. A 30/7/1925, informa-se que a comissão de

da saída de Galante; nesta última sessão alude-se à sua substituição pelo professor Valpicelli (AFL, 205, 221, 238-239, 263, 276).

⁷⁴ José Monteiro Aguiar que era o irmão mais velho do famoso Padre Américo, colaborou em várias publicações sobre Penafiel, sendo um homem de grande erudição. Com 17 anos de idade travou conhecimento com o Bispo de Cochim que o levou para o Oriente, onde concluiu os seus estudos cristãos. Foi neste ambiente que começou a despontar o seu gosto pela cultura oriental: os seus monumentos, o seu exotismo, as suas características étnicas e etnográficas. Aos 26 anos de idade foi ordenado presbítero pelo novo bispo de Cochim, Dom Mateus de Oliveira Xavier. Viveu e trabalhou no Oriente cerca de dezoito anos. Regressou a Portugal em 1909, vindo a paroquiar a freguesia de S. Miguel de Paredes, após a morte do Padre Joaquim Lopes Coelho. Ao longo da sua vida, investigou e desenvolveu vários estudos, em que demonstrou um largo conhecimento de Penafiel.

⁷⁵ AFL, I, 240.

⁷⁶ Na sessão de 20/10/1926, o director informou que Teixeira de Abreu ofereceu à Faculdade madeiras brasileiras para a Sala Brasil, fazendo ainda à sua custa todas as despesas de transporte do Brasil para Portugal e prometendo também enviar livros, tendo-se decidido agradecer-lhe; a 9/12/1926, já tinham chegado 5m³ de madeira; a 10/2/1928, informa-se que Teixeira de Abreu assinou uma escritura em que doa às Faculdades de Letras e Direito 82 658\$41 metade para cada uma. Teixeira de Abreu fora professor de Direito tendo sido preso e irradiado da Universidade com o advento da República, o que o levou a refugiar-se no Brasil. Após o 28 de Maio foi reintegrado na sua Faculdade. Constituiu um exemplo de amor à sua Universidade pelas várias manifestações de mecenato que praticou.

⁷⁷ AFL, I, 247-248. Numa carta de 8/8/1925 dirigida a D.^a Carolina de Michaëlis de Vasconcelos, Mendes dos Remédios dá notícias do «Curso de Férias» na Faculdade de Letras e comunica que se realizou uma sessão solene de inauguração do Instituto Alemão na Faculdade de

honra do Instituto Alemão seria constituída por D.^a Carolina, pelo ministro da Alemanha em Lisboa, por B. Schädel de Hamburgo e pelo director da Faculdade. Fala-se depois da Semana Espanhola e da inauguração do Instituto Alemão. Fariam conferências César Vallejo, Sequeira Coutinho, B. Schädel, Elias Richter e José Maria Rodrigues. A 23/10/1924, foi aprovada a criação dum curso de Literatura Americana que abriria no 2.º semestre na chamada Sala Americana, «onde se poderá organizar uma biblioteca com livros oferecidos pelos Estados Unidos»⁷⁸. A Sala Espanhola aparece referida várias vezes⁷⁹.

Um grupo de estudantes indianos propôs que se criasse uma Sala Indiana⁸⁰. O director louvou a iniciativa e expôs rapidamente o seu próprio plano dum futuro Instituto Oriental. Decidiu-se colocar à disposição dos estudantes uma sala e dar todas as facilidades, «esperando porém a oportunidade de criar oficialmente a Sala Indiana». A 6/6/1929 informou-se que o governo romeno gostaria de auxiliar a formação de um núcleo de Língua e Cultura do seu país⁸¹. A 3/2/1931, Eugénio de Castro fala da importância do Romeno⁸². A 4/4/1925, Aurélio Quintanilha pede uma sala para dar Inglês na Universidade Livre, o que foi indeferido, sendo contudo concedido material didáctico.

Lembramos ainda, entre tantos factos que mereciam igualmente serem mencionados, a realização de congressos em que participaram professores da Faculdade como os de Aurélio Suárez em Granada⁸³ e de Spinoza em

Letras da Universidade de Coimbra, colocado sob a égide de Goethe e de D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Refere o diploma e a medalha do Ibero-Amerikanisches Institut, atribuídos à ilustre senhora, trazidos de Hamburgo pelo Prof. Doutor B. Schädel, que proferiu um discurso em honra da ínsigne Professora no meio dos aplausos de toda a assembleia. Diz que lhe enviará esses objectos e refere ainda a aquisição de um epidiascópio para as conferências e fala da satisfação de portugueses e estrangeiros participantes, lamentando a sua ausência.

⁷⁸ AFL, I, 233.

⁷⁹ AFL, II, 143, 150.

⁸⁰ AFL, II, 43.

⁸¹ AFL, II, 150.

⁸² AFL, II, 150.

⁸³ A 8/2/1917, o director da Faculdade recebeu do Senado informação da celebração do centenário de Suárez (AFL, I, 129), o célebre padre jesuíta, filósofo, jurista e pensador dos séculos XVI e XVII, destacando-se como uma das principais figuras do jusnaturalismo e do Direito Internacional da Idade Moderna que foi lente de Prima de Teologia da Universidade de Coimbra. Representariam a Universidade um professor de Letras e outro de Direito (AFL, I, 131); a 23/4/1917 foram indicados António de Vasconcelos e Eugénio de Castro pela Faculdade de Letras e Machado Vilela e Paulo Merêa de Direito (AS, II, 41-43, 54-55, 58-63). Já em 1897 António de Vasconcelos havia escrito o livro *Francisco Suárez (Doctor eximius) – Colecção de documentos publicados por deliberação da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra para comemorar o terceiro centenário da incorporação do grande Mestre e Príncipe da ciência teológica no professorado da mesma Universidade. Oito de Maio de 1597*. Na acta do Senado

Haia⁸⁴. Também foram evocadas ao longo dos anos em várias ocasiões diversas personalidades do mundo das Letras.

Encerramos com a proposta apresentada a 29/4/1936 por Joaquim de Carvalho relativa ao Centenário da Universidade (400.º aniversário da última mudança da Universidade para Coimbra) tendo proposto que um volume da RUC fosse dedicado ao tema e elaborado só por professores⁸⁵.

Este modesto trabalho é uma simples amostra da grande vitalidade revelada pela Faculdade de Letras de 1911 a 1937⁸⁶. Quanto não havia a dizer de outros aspectos que a caracterizaram desde a sua génese e que a marcaram no período seguinte.

Recebido em/Text submitted on: 14/05/2011

Aceite em/Approved on: 19/10/2011

de 8/11/1917, vem a notícia da missão da Universidade de Coimbra a Granada; acabaram por estar presentes José Alberto dos Reis, Eugénio de Castro e Joaquim de Carvalho. Em 1948 foi celebrado o centenário do nascimento do ilustre teólogo granadino Francisco Suárez (Granada, 5 de janeiro de 1548 – Lisboa, 25 de setembro de 1617) que se concluiu em Coimbra.

⁸⁴ *AFL*, II, 20, 66, 68, 71, 74, 76, 143. Joaquim de Carvalho foi um notável estudioso de Spinoza e manteve estreitos contactos com especialistas estrangeiros.

⁸⁵ *AFL*, II, 337; II, 66, 68, 71, 74, 76, 143. Foram muitos os actos realizados para evocar a efeméride tendo Joaquim de Carvalho dado um valioso contributo no sector das publicações. No vol. VII da *Obra Completa* de Joaquim de Carvalho preparada por J. V. de Pina Martins e publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, o qual é dedicado aos escritos sobre a Universidade de Coimbra (1917-1942), encontramos os seguintes trabalhos que se revestem de uma importância enorme para a história da Universidade e cuja edição se ficou a dever ao grande mestre de Filosofia: “Notícia preliminar a Francisco Leitão Ferreira, Alfabeta dos Lentes desde 1537 em diante (1937); “Nota preliminar às Memórias da Universidade de Coimbra, ordenadas por Francisco Carneiro de Figueiroa (1937); “Aditamentos e notas às Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra”, escritas pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira (1.ª parte; e 2.ª parte em 3 vols., sendo o 3.º em dois tomos (ou seja, o total de cinco livros, 1937-1956); e prefácio ao Catálogo de Manuscritos (códices 2205 a 2309), Apostilas de Filosofia. I. Lógica por Abel de Almeida e Sousa (1942). Também se inclui no referido vol. VII o trabalho “A minha resposta ao último considerando do decreto que desanexou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1919)” em que Joaquim de Carvalho refuta com bastante acuidade as acusações feitas ao ensino da Filosofia na Faculdade de Letras.

⁸⁶ A análise da vasta bibliografia produzida por cada professor fornece o ensejo de apreciar devidamente um aspecto fundamental do que foi o seu labor científico. O número de alunos foi de 21 em 1911-1912 alcançando o de 324 em 1936-1937. O pico mais alto foi atingido em 1934-1935 com 451 estudantes. Em 1989-1990 frequentavam a Faculdade 43 481 alunos. Quanto a professores eram 12 em 1911-1912, 17 em 1951-1952 e 225 em 1989-1990.